



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO E LICENCIATURA EM PSICOLOGIA**

ERISON LEANDRO ALMEIDA DE MORAIS

FREUD EM TIRINHAS: conceitos da psicanálise à luz de webcomics

CAMPINA GRANDE – PB
2013

ERISON LEANDRO ALMEIDA DE MORAIS

FREUD EM TIRINHAS: conceitos da psicanálise à luz de webcomics

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Bacharelado e Licenciatura Psicologia Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Psicologia.

Orientador: Professor Doutor Edmundo de Oliveira Gaudêncio.

CAMPINA GRANDE – PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

M827s Morais, Erison Leandro Almeida de.
Freud em tirinhas [manuscrito] : conceitos da psicanálise à luz de webcomics / Erison Leandro Almeida de Morais. – 2013. 28 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2013.

“Orientação: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio, Departamento de Psicologia”.

1. Tirinha. 2. Psicanálise. 3. Quadrinho. I. Título. II. Freud, Sigmund.

21. ed. CDD 150.195

ERISON LEANDRO ALMEIDA DE MORAIS


FREUD EM TIRINHAS: conceitos da psicanálise à luz de webcomics

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Bacharelado e Licenciatura em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Psicologia.

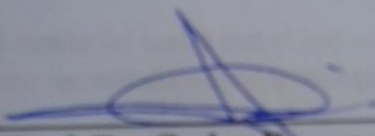
Aprovada em 10/09/2013.



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB
Orientador



Prof.ª Dr.ª Jailma Souto-Oliveira da Silva / UEPB
Examinadora



Prof. Dr. Carlos Barros / UEPB
Examinador



Nem todas as pessoas são capazes da atitude humorística. Trata-se de um dom raro e precioso, e muitas sequer dispõem da capacidade de fruir o prazer humorístico que lhes é apresentado. E finalmente, se o superego tenta, através do humor, consolar o ego e protegê-lo do sofrimento, isso não contradiz sua origem no agente paterno. (Sigmund Freud, "O humor", 1927).

FREUD EM TIRINHAS: conceitos da psicanálise à luz de webcomics

MORAIS, Erison Leandro Almeida de¹

RESUMO

As tiras de banda (ou tirinhas) são *mass-mídia* onde se veiculam temas os mais diversos, muitos dos quais contendo críticas bem humoradas, as quais ganharam muita visibilidade com a internet, através das redes sociais. Um desses tipos de conteúdo alude à teoria psicanalítica, tendo o próprio Freud como personagem. Neste artigo, partindo do conceito de chiste, apresentamos uma leitura de conceitos psicanalíticos utilizando as tiras de banda da internet. A discussão se mostra proveitosa na medida em que as tirinhas se mostram um excelente artifício de acesso ao conteúdo inconsciente, pela via do chiste, constituindo-se como uma forma bem humorada e prazerosa de estudo da psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Freud. Tirinhas. Chiste. Psicanálise. Internet.

ABSTRACT

The comic strips (or strips) are mass-media where it convey the most diverse themes, many of which contained humorous criticism, which gained much visibility on the internet, through social networks. One of these types of content alludes to the psychoanalytic theory, and Freud himself as a character. In this article, based on the concept of wit, we present a reading of psychoanalytic concepts using the comic strips from the internet. The discussion proves fruitful to the extent that the strips is an excellent artifice show content access unconscious by way of wit, constituting itself as a manner wellhumored and pleasurable study of psychoanalysis.

KEYWORDS: Freud. Comic Strips. Wit. Psychoanalysis. Internet.

¹ Graduando em Psicologia com base em Psicanálise. E-mail para contato: peruzzi80@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

As tirinhas têm ganho uma grande visibilidade, e através de seu conteúdo, o qual é muito prazeroso devido ao efeito cômico, tem se disseminado em muitas vertentes, nelas encontrando-se também o argumento psicanalítico. A própria tirinha, substancialmente, contém, de certa forma, um elemento analítico, pois ela é, quase sempre, um texto chistoso. E, assim sendo, nada melhor do que se fazer a discussão de alguns conceitos da psicanálise através da análise de um elemento de expressão do inconsciente, qual seja, o chiste, utilizando-nos da intenção humorística das tirinhas.

Bem entendido, *chiste* é uma palavra originária do alemão *Witz*, que significa “gracejo”, e é encontrada na obra de Freud, *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, de 1905, que o define como algo que escapa de nosso inconsciente, onde, na fala do sujeito, coloca-se, em tom de brincadeira, aquilo que o sujeito do inconsciente realmente deseja dizer. Isto é permitido pelo chiste, ao unir, de forma arbitrária, duas ideias diversas (e quase sempre adversas), por meio de uma associação verbal.

Para Freud (1905), o *chiste* é algo cômico do ponto de vista inteiramente subjetivo, porque se liga à subjetividade humana e está ligado à textura própria da formação do inconsciente. Mostra que o atributo característico do chiste é a ação, a conduta ativa do sujeito, portanto o cômico surge de algo que é realizado pelo indivíduo, inconscientemente. Freud mostra que o efeito cômico surge através do feio, do pouco notado, do que gera graça, nascendo assim, de um fato a sua caricatura – não buscada, conscientemente, pelo sujeito do dito chistoso.

Por outro lado, sabemos de há muito, a psicanálise, segundo ROUDINESCO (1998, pg. 603),

foi um termo criado por Sigmund Freud, em 1896, para nomear um método particular de psicoterapia (ou tratamento pela fala) proveniente do processo catártico (catarse) de Josef Breuer e pautado na exploração do inconsciente, com a ajuda da associação livre, por parte do paciente, e da interpretação, por parte do psicanalista.

Por extensão, dá-se o nome de psicanálise:

1. ao tratamento conduzido de acordo com esse método;
2. à disciplina fundada por Freud (e somente a ela), na medida em que abrange um método terapêutico, uma organização clínica, uma técnica psicanalítica, um sistema de pensamento e uma modalidade de transmissão do saber (análise

didática, supervisão) que se apoia na transferência e permite formar praticantes do inconsciente;

3. ao movimento psicanalítico, isto é, a uma escola de pensamento que engloba todas as correntes do freudismo”.

O inconsciente é apontado por Garcia-Roza (2009, pg.168) como sendo o conceito fundamental da psicanálise. O mesmo cita Laplanche e Pontalis, que afirmam “se fosse preciso concentrar numa palavra a descoberta freudiana, essa palavra seria incontestavelmente a de inconsciente”.

No tocante à ferramenta da psicanálise por ele proposta, em *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, Freud chamou a atenção acerca da importância da linguagem, propondo, como caráter essencial da psicanálise, de um lado, a escuta e, de outro, seguir o fio da palavra. E nos mostra que é o sentido, o valor da palavra, que representa o sujeito do inconsciente para outra representação.

De outra forma, as *tirinhas, tira de quadrinhos, tira cómica*, ou também chamada de *tira de banda*, equivalem ao termo inglês *comic strips*, o qual se refere a uma apresentação possível de *Banda Desenhada*, caracterizada por uma série de vinhetas, publicadas regularmente (diária ou semanalmente), em jornais, revistas e, mais recentemente, nas páginas da Internet (*webcomics*). Tiras são basicamente: desenhos onde há a apresentação de personagens em situações diversas, dispostas normalmente em número inferior a quatro quadros e dispostas, em sua maioria, horizontalmente.

Não necessariamente este tipo de apresentação de banda desenhada tem de ser cômico (outros gêneros que têm sido explorados são a aventura, o mistério, a espionagem, o policial, o drama, heróis e super-heróis, entre outros).

Estrutura-se em enunciados curtos, e traz um conteúdo em que predomina a crítica, com humor, a modos de comportamento, valores, sentimentos, destacando-se, portanto, nessa composição, códigos verbais e não-verbais. Existem dois tipos de tiras de periodicidade diferente: a tira diária (em Inglês, *daily strip*) que se desenvolve em algumas tiras (geralmente entre três e quatro), alinhadas horizontalmente e geralmente publicadas em preto e branco por causa do ritmo de publicação; e as tiras dominicais (em Inglês, *sunday strip*), que normalmente enchem uma página e são publicadas em cores. Quer seja diárias, dominicais ou semanais, segundo LUCAS (2010),

pode-se afirmar que as histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica.

Em todo caso, essas tirinhas ganharam um espaço gigantesco com a Internet, o que foi potencializado com as redes sociais. Com isso se popularizaram e se diversificaram os temas, aparecendo temas científicos, poéticos, entre outros. Dos temas científicos, apareceram subtemas que trabalham conteúdos psicanalíticos, utilizando-se de Freud como personagem, tomando-o muitas vezes pela via do senso comum, outras tantas de forma muito bem contextualizada na teoria psicanalítica o que põe em evidencia a popularização do corpus teórico da psicanálise e dessa forma de literatura desenhada.

Isso posto, são os objetivos deste artigo: de forma Geral é, discutir conceitos psicanalíticos, e como objetivos específicos, estudar os conceitos freudianos tal como apresentados em tirinhas na internet e comentar os conteúdos das tirinhas à luz da teoria psicanalítica.

A elaboração deste artigo justifica-se, primeiro, como atividade curricular obrigatória com vistas à obtenção do título de Bacharel em Psicologia, pela Universidade Estadual da Paraíba; segundo, como forma de preencher lacuna teórica sobre a temática, ainda pouco explorada (ou inexplorada); e, terceiro, como objeto capaz de preencher interesses pessoais, dados os interesses pessoais do autor pela temática alusiva às tirinhas e à psicanálise.

Objetivando isso, nosso artigo, em sua fundamentação teórica, divide-se em três partes: Na primeira, aludimos à história e caracterização das bandas animadas ou tirinhas; na segunda, pela via da filosofia e da psicanálise, abordamos o riso, a fim de, em um terceiro momento, estudar a psicanálise tal como apresentada em tirinhas publicadas na internet.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

1 – Da origem dos quadrinhos às tirinhas de conteúdo psicanalítico

Partindo das narrativas e diálogos próprios dos folhetins e romances, associando-os às ilustrações e gravuras, as histórias em quadrinhos alcançam expressam-se com recortes visuais de ações e expressões linguísticas em balões, proporcionando uma nova maneira de representar a realidade.

A primeira tira de banda conhecida, segundo Marny (1970), foi *The Yellow Kid* (ou *O Garoto Amarelo*, nome mais conhecido de *Mickey Dugan*, personagem principal de *Hogan's Alley*), criado por Richard Felton Outcault, publicado em 1895, no jornal *New York World*.

Hogan's alley (algo como O beco do Hogan) é constituído por vários personagens esquisitos: varredores negros, chineses com longos rabichos, mulheres com laços e, entre eles, um garoto de orelhas largas vestido com uma camisola. Na época, a tira do jornal foi descrita como um panorama teatral da cidade, que mostrava as tensões raciais do novo mundo urbano, o ambiente consumista, isso representado por um grupo danoso de habitantes da Cidade de *Nova Iorque*, que gostava de lidar com coisas erradas. Em um momento, aparece um garoto com a camisola pintada de amarelo e foi imediatamente batizado pelos leitores de *Yellow Kid*, o chinesinho amarelo. O *Yellow Kid* era uma criança calva, desdentada, com um largo sorriso no rosto que usava sempre uma camisola amarela. Foi nessa tirinha que foi utilizado, também pela primeira vez, o artifício de usar balões para mostrar as falas dos personagens.

Ao perceber o interesse dos leitores por esse gênero e o aumento das vendas de jornais, seus proprietários passaram a investir nesse tipo de narrativa e em pouco tempo já havia uma série de personagens preenchendo as coloridas páginas dos suplementos dominicais. Com relação ao surgimento das tirinhas, de acordo com Patati e Braga (2006), o formato clássico, com piadas desdobradas em três tempos ou três quadros, surgiu graças à escassez de espaço nos jornais.

Um traço importante a se notar sobre esse gênero narrativo é que, de acordo com Patati e Braga (2006), as tiras de humor tinham liberdade crítica sobre os costumes e a moral da época muito mais que outros tipos de narrativas, devido tratar-se de uma forma de comunicação original e inesperada, com artifícios próprios, enquanto os humoristas desenvolveram uma forma de expressão para com seus leitores em que se expressava intensamente essa liberdade.

1.1 As tirinhas conquistam o mundo

O celeiro da criação de tirinhas foram os Estados Unidos com a força de suas empresas de distribuição. Em 1912, segundo Marny (1970), Hearst funda o primeiro “sindicato” encarregado de comercializar as histórias em quadrinhos, conhecido como *King Features Syndicate*.

De fato, são os syndicates, ressalta Luyten, citada por Magalhães (2006b), que contratam os desenhistas para produzir narrativas em quadrinhos já previamente aprovadas. Essas quadrinizações são encaminhadas para serem corrigidas e padronizadas

comercialmente, uma vez que serão distribuídas para serem veiculadas em sociedades do mundo inteiro.

Além do King Features Syndicate, surgiram o Universal Press Syndicate, o United Feature Syndicate, entre outras, encarregadas de espalhar tirinhas para jornais e revistas de todo o mundo. Para se ter uma ideia da força mercadológica alcançada pelas tirinhas, segundo Marny (1970, p. 15), no final dos anos 1960, trezentas histórias em quadrinhos aparecem no mercado americano em 1.700 jornais diários, sendo lidas por cerca de 100 milhões de leitores: “Um jornal conhecido, Washington Post, um dos mais sérios dos Estados Unidos, publica todos os dias 5 páginas de ‘comics’. Total: umas trinta histórias diferentes”.

Por essa época, o gênero já estava consolidado com presença marcante para gerações de leitores, em jornais de diferentes partes do mundo. Foram fontes de inspiração para jovens desenhistas em seus países, que passaram a criar seus próprios personagens, embora não conseguissem competir com a força mercadológica de produção em massa dos syndicates americanos.

No Brasil, muitos “*tirinistas*” acabam fazendo também charges políticas, como no caso de **Jean, Glauco** ou **Angeli**. Além de pagar bem, é uma maneira de expor suas opiniões políticas da melhor maneira.

1.2. As tirinhas e a internet

A Internet nasceu a partir de um projeto da agência norte-americana *Advanced Research and Projects Agency* (ARPA) tendo como motivo interligar os computadores dos seus departamentos de pesquisa, gerando “ARPANET”, que conectava quatro instituições: Universidade da Califórnia, LA e Santa Bárbara; Instituto de Pesquisa de Stanford e Universidade de Utah, tendo início em 1969. Até 1993, a Internet era utilizada apenas como uma instituição de natureza apenas acadêmica e passou a ser explorada comercialmente, com fornecimento de serviços diversos, abertura essa a nível mundial².

Na década de 90, a conexão entre as pessoas fica mais fácil e com o aperfeiçoamento desta tecnologia da informação, surgem as *Redes Sociais*. A Rede Social é uma arcabouço que inter-relaciona empresas ou pessoas, que estão integradas pelas mais diversas relações. Existem diversos tipos de rede social, dentre as mais famosas, podemos citar as profissionais como *LinkedIn* e de relacionamentos como *Myspace*, *Orkut* entre outras redes como políticas e comunitárias, sendo atualmente, o *Facebook* e *Twitter* as mais disseminadas. A primeira

² Vide (Revista Eletrônica Brasil Escola: <http://www.brasilecola.com/informatica/internet.htm>)

rede social surgiu em 1995 nos Estados Unidos e Canadá, chamada *Classmates*, com o objetivo de conectar estudantes da faculdade. A rede social Facebook fundada em 2004 pelos estudantes de Harvard, Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Chris Hughes e Dustin Moskovitz e possui mais de 908 milhões de usuários no mundo todo. Já, o Twitter, foi criada em 2006 por Jack Dorsey é algo inovador e hoje possui mais de 140 milhões de usuários no mundo (DAQUINO, 2012).

Então, com a internet, potencializaram-se as várias formas e vantagens de publicar. Foram removidas as barreiras tradicionais, possibilitando uma grande intensidade na publicação dos HQ's.

Em sua maioria, obras independentes, os *webcomics*, ou seja, as tirinhas ou quadrinhos (HQ) que são publicados, as vezes exclusivamente, na internet, partilham dos *fanzines* (uma abreviação de *fanatic magazine*) a controversa possibilidade de superar limitações formais, como os problemas relacionadas à sindicalização dos quadrinhos. Desse modo, direitos autorais são eventualmente desrespeitados, e referências culturais ou a personalidades são facilitadas, além de não haver praticamente nenhum problema com a censura, podendo ocorrer conteúdo excessivamente erótico, violento ou de linguagem adulta.

Esse gênero de narrativa tem sido um veículo de informação que tem ganho notoriedade através das redes sociais, principalmente através do *twitter*, que é uma espécie de *mini-blog*, e do *facebook*, que é uma rede de compartilhamentos de informações, com seu conteúdo cômico. Com isso, vem disseminando muitas ideias – e uma delas alude a conteúdos da psicanálise. Geralmente as tirinhas trazem um conteúdo engraçado, risível, sendo um amplo laboratório de conteúdo chistoso, mas elas podem trazer outros conteúdos como costumes, valores e sentimentos, como também ideias e pensamentos referentes à psicanálise, dada a transformação do *corpus* teórico psicanalítico em material utilizado pelo senso comum na compreensão de mundo.

2 – O risível, os chistes e a psicanálise.

O conteúdo do riso e do risível foi discutido através do tempo, desde a antiguidade, onde se deu as origens do pensamento sobre tudo – inclusive sobre o riso. Segundo Alberti (1999), o estudo do riso teria sido relegado ao esquecimento e encontramos em *Filebo*, de Platão, uma antiga formulação do que restou teoria sobre o riso e o risível. Nesse texto Platão nos faz refletir sobre os prazeres verdadeiros e os falsos prazeres, sendo, os primeiros, puros e precisos, enquanto os segundos misturam-se com a dor. O prazer não misturado à dor é uma

beleza pura e sem remorsos, que traz plenitude e tranquilidade, sendo características do bem. Já os prazeres falsos são compostos de natureza mista e dividem-se em três categorias: *corporais* (frio, sede); *semicorporais e semi-espirituais* (*esperança*); e *puramente espirituais*. Esses últimos são de natureza exclusivamente anímica, como a cólera, o luto, o amor etc. É nessas *afecções mistas puramente espirituais* onde se coloca o riso, através das quais Sócrates quer provar para *Filebo*, através da investigação do cômico, que as afecções espirituais são compostas por uma mistura de dor e prazer. O risível é definido como um vício do desconhecimento de si. Para Platão, o indivíduo que não se conhece é considerado fraco. Os que tem força e poder, que se acham sábios e mais belos ou mais ricos do que na verdade o são, tornam-se temíveis e odiados (sendo invejados), não sendo considerados objetos de riso. Os outros tornam-se risíveis por seu desconhecimento de si e por sua fraqueza.

Para Alberti (1999), Aristóteles talvez tenha sido o filósofo mais marcante na história do pensamento sobre o riso, tendo consagrado a definição do cômico como sendo uma deformidade que não implica nem dor nem destruição. Este filósofo associa o acontecimento do riso ao agradável, ou seja, àquilo que produz prazer, à calma, à amizade, enfim, ao natural.

Cícero e Quintiliano, por sua vez, segundo aquele mesmo autor, declararam que seria impossível definir o riso e o risível e trataram disso através da questão da retórica, diferente de Aristóteles que tratava do riso através da arte poética. O riso é visto como matéria que foge a uma teoria fechada, o que não impede, contudo, que sejam passadas ao orador as instruções necessárias para que faça um bom uso do risível em sua fala. Do ponto de vista da retórica, o riso, antes visto como indefinível, passa a ser visto sob óticas diferentes, elencando-se classificações do risível, formas de uso adequado e maneiras para melhorar o efeito do riso no discurso. As compreensões de Cícero e Quintiliano possuem muitos pontos em comum, o que inclusive é perceptível em suas designações de *bufão* – que Quintiliano considera ser aquele que deixa escapar asneiras sem aperceber-se disso.

Em Demócrito, o riso é fruto da insensatez humana. O filósofo ri do homem, que se julga mais sábio do que de fato é. E é preciso observar que, se em Demócrito o riso é consequência dos “defeitos” e “vícios” humanos, esse filósofo (Demócrito) se aproxima também da caracterização do cômico para Aristóteles. O riso é fruto de uma constatação: a incapacidade extrema do homem de se conhecer e de conhecer o mundo. Desse modo, trata-se de um riso radicalmente cético; afinal, tal percepção a respeito do homem apenas pode nos conduzir à ideia de que nada deve ser levado a sério, uma vez que, sem o autoconhecimento e o conhecimento do mundo, o ser humano – mergulhado em profunda cegueira – está imerso na ilusão, aparência e vaidade. É exatamente disso que Demócrito ri.

Na Idade Média, o riso era visto como uma especificidade do homem, diferenciando-nos dos demais animais, mas também de Deus. Nessa época, o riso foi intensamente condenado, por não haver na Bíblia nenhum indício de que Jesus Cristo rira algum dia. Com isso, a consequência foi que, como Jesus jamais sorriu, os cristãos deveram imitá-lo, também, e por isso não deveriam rir.

No final do século XVI, encontramos Laurent Joubert e o seu *Tratado do riso*, obra publicada em Paris, em 1579. Um pouco depois, a partir do século XVII, já é possível perceber uma propensão a desarmar o riso ou exilá-lo para longe dos assuntos centrais ou “sérios” da sociedade. Verena Alberti (1999, p.82) comenta isso:

Na Renascença, [...] o riso teria um profundo valor de concepção do mundo, enquanto, na idade clássica, teria sido domesticado, limitando-se aos vícios dos indivíduos e da sociedade. [...] Já no século XVII, o que era essencial ou importante não podia mais ser cômico: o riso tornara-se um divertimento leve, ou ainda uma espécie de castigo útil.

Assim, no século XVII, tende-se a associar o riso às tolices. O risível foi desnudado de sua função de “revelar uma verdade oculta”, encontrada apenas além dos limites do sério, do convencional. Muito distante disso, o riso estaria fadado a “tratar” apenas das situações medíocres. Para Joubert (*apud* Alberti, 1999, p.87), “a coisa risível é vã, leve, frívola e sem qualquer importância”, colocando-se, O *Tratado* de Joubert, longe de qualquer condenação ética do riso, ainda que o objeto do riso, para esse filósofo, sejam as coisas torpes e indecentes, não está o riso associado à vileza de alma. Na opinião de Joubert, “ele [o riso] é uma das mais admiráveis ações do homem, ainda mais por ser próprio ao mais admirável dos animais” (*apud* ALBERTI, 1999, p.85).

Joubert atribui ao riso um caráter positivo, e sua perspectiva seja, talvez, um dos traços mais importantes de seu *Tratado*. Esse filósofo permite que se ria da deformidade do comportamento do outro, de sua tolice e ingenuidade, sem a presença sufocante da condenação ética do Riso.

O *Tratado* de Joubert sugere, ainda, uma atividade cognitiva associada ao riso: Ele argumenta que o motivo de os recém-nascidos e os animais não rirem é porque lhes falta o pensamento ou a cogitação. Desse modo, conforme explica, “é preciso mais do que a faculdade vegetativa para ser comovido pela coisa risível: é preciso conhecer ou conceber a matéria que entra na alma” (*apud* Alberti, 1999, p.104).

Nos séculos XVII e XVIII, as análises do fenômeno do riso se dividem em duas correntes básicas. A primeira, baseada no *Tratado* de Joubert, acredita que o objeto do riso se opõe ao normativo e à verdade. É o que se chama de “riso clássico”, e teria como cerne a

crítica dos vícios e das deformidades. A segunda linha de estudos entende o riso ou como manifestação de superioridade.

Thomas Hobbes estaria inserido na teoria da superioridade do riso e da ideia do riso malevolente. Para ele, o riso se associa sempre ao orgulho que experimentamos no momento em que percebemo-nos mais capazes do que alguém e, com isso, superiores.

No início do século XVIII, não se pode perder de vista a célebre figura de Anthony Ashley Cooper, conde de Shaftesbury. O objetivo principal a que ele se dedica é integrar riso e religião. Shaftesbury conhecia a dificuldade de realização de sua proposta; afinal, já se tinha propagado, nesse momento, como vimos anteriormente, a ideia de um riso agressivo e orgulhoso, defendida por Hobbes. Ciente disso, o conde reconhece, então, duas espécies de riso: a *jocositas*, que seria justamente o escárnio agressivo, descontrolado, marca de superioridade, e a *hilaritas*, tipo de riso moderado, que se deixa controlar (Alberti, 1999).

A ideia de Shaftesbury era ver transformado esse riso vulgar, exorbitante e assustador num riso que se caracterizasse pelo equilíbrio e pela razão. A insegurança dos religiosos e tradicionais em relação à análise de Shaftesbury baseava-se, no entanto, no fato de esses dois tipos de riso fazerem parte da natureza humana. Ele propõe a ideia da junção das duas formas de manifestação de riso: o humor e o espírito (*wit*).

No fim do século XVIII, aparece Kant, em que o estudo acerca do riso baseia-se nas diferenças entre a razão e a sensação. O belo estaria associado à razão, ao geral e ao prazer desinteressado; para Kant, o belo apraz e sempre impõe um julgamento. Em contrapartida, a sensação estaria sempre relacionada ao agradável, ao pessoal e ao interesse, aproximando-se, pois, do prazer e da alegria. Para ele, o que é agradável regozija. Para ele, o prazer proporcionado pelo riso não é um prazer do julgamento, uma vez que o risível não faz parte das artes agradáveis e a sensação provocada por ele não estaria, pois, associada à razão. De forma semelhante, o prazer do risível também não pode ser um prazer do entendimento, já que o entendimento frustra-se quando não encontra o que esperava: é a expectativa reduzida a nada.

No início do século XIX, aparecem as figuras de Jean Paul, e Schopenhauer, os quais tem bastante proximidade com a teoria de Kant, com formas de pensar o riso. O mais importante com relação a essas formas de pensar o riso é o fato de, nelas, o pensamento sobre o risível estar diretamente relacionado ao pensamento sobre o pensamento.

No alvorecer do século XX, Bergson publica três artigos sobre o riso na *Revista de Paris*, em 1899, reunidos em livro em 1900, sob o título *O riso: ensaios sobre a significação do cômico*, sendo um dos textos mais conhecidos e citados sobre o risível. Os textos abordam

o riso em relação à sua função na sociedade. Ele coloca sob a lupa o significado necessariamente social do riso, afastando-se, pois, de uma abordagem estética ou filosófica do risível. Desse modo,

O riso deve ser alguma coisa desse tipo, uma espécie de gesto social. Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades, mantém constantemente vigilantes e em contato recíproco certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; flexibiliza enfim tudo o que pode restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social (Bergson, 2001, p.15).

Assim, percebemos que o riso funciona também como uma espécie de força repressora de qualquer comportamento não previsto pela “ordem”.

Todavia, Bergson fala de um mecanismo aplicado à vida, de pessoas negando sua espontaneidade para assumir comportamentos predeterminados pelo meio social em que estão inseridas. Dessa forma, o riso pode representar uma reação a esse tipo de comportamento maquinal do ser humano.

Enfim chegamos a Freud, que vê o riso causando um prazer que resulta do alívio psíquico decorrente da economia de esforço intelectual (ALBERTI, 1999). Em 1905, Sigmund Freud publica, *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, onde aborda o chistes e seus vários mecanismos, e faz uma associação com os sonhos e a neurose. Com isso, reconheceu o chiste como uma das formas de manifestação do inconsciente e deu importância à linguagem, estando interessado na referência interna da palavra, ou seja, no sentido de sua representação, a qual representa o sujeito do inconsciente para outra representação (FALCÃO, 2002).

Freud divide o texto em questão em três partes, uma analítica, uma sintética e a última, teórica. Começa estudando a técnica do chiste, para, depois, mostrar as formas de como, ali, dá-se o mecanismo gerativo de prazer. Ao fim, faz um apanhado do lado social do chiste e como se dá sua relação com o sonho e com o inconsciente (ROUDINESCO, 1998).

A origem do chiste estaria na relação do jogo com as palavras e os pensamentos na infância, que cessam a crítica ou a razão e declaram sua ausência de sentido. O chiste vive em conflito com duas forças: a razão ou o julgamento crítico, de um lado, e a repressão e a obscenidade, de outro. Do universo de diferentes chistes, Freud separa os mais amenos e inofensivos dos que tendem a ser agressivos, imorais ou cínicos. Na categoria dos chistes inofensivos, Freud inclui os chistes de reflexão (*Gedankenwitze*), que correspondem à direção dos pensamentos e do raciocínio. Nos dois casos há um alívio psíquico que decorre do esforço intelectual. Nos chistes de reflexão, o prazer é ganho, no possível, sem o julgamento crítico e da razão, que declaram a ausência de sentido de nossos jogos de infância. Os jogos de

palavras trazem prazer porque não precisam de tanto esforço para a utilização séria da palavra. Com isso, o jogo de palavras fala do elo entre duas séries de ideias separadas, onde se exige um esforço muito maior. O prazer se dá como resultado desse “curto-circuito” e pode ser maior se forem estranhas e distantes de si, as duas ideias, o que faz com que seja maior a economia da formação do pensamento (ALBERTI, 1999).

Freud propõe que nos chistes se colocam três pessoas: o autor da piada, seu destinatário e o espectador, onde esses amenizam os desejos recalçados, fornecendo uma via mais aceitável perante a sociedade. Freud ainda coloca um quarto elemento que seria o mais temeroso: o ceticismo. Neste se coloca o contrassenso que atua sobre a certeza do juízo (ROUDINESCO,1998), colocando-a em cheque.

Com isso, Freud define o chiste como uma válvula de escape de nosso inconsciente, utilizado para se dizer, em tom de brincadeira, aquilo que verdadeiramente se deseja. Arbitrariamente, o chiste integra duas ideias contrárias, através de uma associação verbal. Freud afirma que o chiste é “a habilidade de se encontrar similaridades entre coisas dessemelhantes, isto é, descobrir similaridades escondidas” (FREUD, 1905). O chiste pode criticar tudo em poucas palavras, com técnicas de abreviação, o uso múltiplo do mesmo material, e o jogo de palavras ou duplo sentido. No texto *a técnica dos chistes*, Freud ensina que o jogo de palavra é uma forma de condensação e o uso múltiplo de um mesmo material é um caso especial de condensação. E todas as técnicas seguem o princípio da economia, graças ao qual “economizamos na expressão da crítica ou na formalização do juízo” (*idem, ibidem*). Vemos que a condensação e o deslocamento, entre outros mecanismos linguísticos e/ou psíquicos, trabalham a serviço do recalque e ocorrem em todas as manifestações inconscientes, como no sonho, nos atos falhos, sintomas, nos lapsos e também nos chistes.

Vinte anos depois da publicação de suas ideias sobre o chiste, Freud traz novamente o tema e produz um artigo, *O humor* (1927), onde faz a diferença entre os chistes e o humor propriamente dito. De acordo com Ribeiro (2008), Freud diferencia-os inclusive quanto às suas origens no Inconsciente:

O chiste é construído por uma ideia recalçada no Inconsciente, que sob certa pressão, força passagem surgindo pronto na Consciência. É uma formação do Inconsciente, assim como os sonhos, os atos falhos e os sintomas. (...) Já o humor tem sua origem no Pré-consciente, por atuação do Superego, na evitação de um sentimento doloroso iminente. Não tem a mesma explosão de prazer e riso encontrados no chiste, porém é mais sublime e enobrecedor. Ambos estão a serviço do princípio do prazer, mas de formas diferentes, e é bem verdade que o estudo do humor tem suas raízes nos chistes (p.106-107).

A ação cômica e o humor, que se constituem fora da vigilância do consciente, como também do inconsciente (no caso dos chistes), estão no pré-consciente. Ambos os mecanismos visam a recuperação do prazer que foi perdido com o desenvolver da crítica.

Outro ponto importante nesse estudo é a relação que Freud faz dos chistes com os sonhos. Se o sonho trata sempre de um desejo a ser satisfeito que não encontra uma forma de aliviar o desprazer, o chiste é uma forma de aquisição de prazer. Daí que o chiste assume, junto com sonho, um papel importante na constituição do homem, o qual procura buscar, sempre, o prazer – ou sempre fugir ao desprazer.

Segundo Roudinesco (1998),

Após A interpretação dos sonhos e a Psicopatologia da vida cotidiana, Os chistes e sua relação com o inconsciente foi a terceira grande obra de Freud dedicada à elaboração de uma nova teoria do inconsciente. Foi preciso completá-la com os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Redigido na mesma época e publicado no mesmo ano, esse quarto livro acrescentou ao edifício freudiano uma nova doutrina da sexualidade e trouxe para a questão do chiste um esclarecimento essencial, porquanto sublinhou o aspecto infantil ou polimorfo da sexualidade humana que é encontrado nos jogos de linguagem (pg. 112).

Isso posto, o que devemos dizer sobre as tirinhas postadas na internet, alusivas a Freud e à Psicanálise?

Objetivando investigar tal questão, partiremos para a nossa discussão sobre a psicanálise tal como apresentada em tirinhas extraídas da internet.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Foram extraídas, a partir do critério de acessibilidade, algumas tirinhas da internet, com conteúdos obrigatoriamente alusivos à psicanálise, as quais foram submetidas a uma análise hermenêutica, nos moldes propostos por Paul Ricoeur, objetivando-se discutir a correção (ou não) dos conceitos tratados nas referidas tirinhas com relação ao que se expõe no corpo teórico da psicanálise.

Em sua hermenêutica, Ricoeur, *a priori*, aceita que os símbolos, os mitos e as metáforas, devido à potencialidade do sentido, contêm sempre sentido em demasia, mais do que manifestam verbal e literalmente e, daí, a necessidade de serem interpretados, num esforço de compreensão de nós próprios e do mundo. Assim, cabe à hermenêutica procurar e se apropriar dos sentidos dos textos, dos símbolos ou da ação, na dimensão temporal de uma narrativa, sendo uma atividade de compreensão de nós próprios e do mundo em que vivemos.

Dessa forma, o trabalho de interpretação é a harmonização com o texto (PEREIRA, 2003), ou seja, o estabelecimento de sua verdade, senão mais evidente, mais correta.

4 TIRINHAS, ANÁLISES E RESULTADOS

I – Traços: Histórias dos autores das tirinhas:

Pacha Urbano é um brasileiro que trabalha com Ilustração, animação, editoração, design gráfico, fotomanipulação, colorização e diagramação. Desenvolveu trabalhos como designer gráfico da loja virtual BidShop (2010 – 2012) e pintor de cenários do estúdio 2DLab, para a série de TV Meu Amigãozão (2009 – 2010). Consultor e coordenador de operações na América Latina da loja virtual iMusica S.A. (2007 – 2009), ilustrador da revista feminina virtual Bolsa de Mulher.com (2001 – 2007), tradutor de espanhol, ilustrador e quadrinhista da editora Edições Léon Denis (1998 – 2001), ilustrador e aerografista da grife Brainwash (1996 a 1997), ilustrador da estamperia Colori/Cantão (1994 a 1996), auxiliar de desenho arquitetônico da Mario Bernardo Engenharia (1993 a 1994). Pacha Urbano tem outros trabalhos, como o editorial de um HQ espírita “Sanson: a morte do justo”, trabalhando ainda em ilustrações e designs de personagens para livros infantis do pedagogo Cesar Said, trabalho intitulado como “Paquinho: um papagaio como você nunca viu!”, entre outros. Um desses outros trabalhos são as tirinhas “*As TRAUMÁTICAS Aventuras do filho de Freud*”, que mostra, de forma humorística, a relação entre o velho psicanalista e o seu primeiro filho, Jean-Martin. As tiras exibem sua versão pessoal da Psicanálise com ligeiro humor negro. Além deles, Anna Freud, Marta Bernays, esposa de Freud e Nietzsche, dentre outros, são alguns de seus personagens.

O próprio Pacha Urbano em uma entrevista, na internet (*apud* SILVEIRA, 2012) fala³:

“Como deve ter sido difícil ser filho do Freud? Aí bateu aquele estalo e fiz a tirinha na hora, sacaneando o primogênito do velho Freud. Imagina ter que disputar a atenção de um pai como ele, tão empenhado em seu trabalho e pacientes, com o ego do tamanho de uma montanha, cheio de encrencas com a sociedade médica e científica da Europa... Batizei a tirinha de “*As Fantásticas Aventuras do Filho do Freud*”, no que corrigi depois, riscando por cima e escrevendo “*TRAUMÁTICAS*”, o que acabou sendo uma piada também.”

Carlos Ruas, também brasileiro, quadrinista, formado em desenho industrial, criador do blog *Um Sábado Qualquer*, mostra irreverência e muito humor em seus quadrinhos para falar de um dos assuntos mais polêmicos do mundo: a religião. Hoje, Um Sábado Qualquer é um dos blogs de tirinhas mais acessados do país, com mais de 45 mil acessos diários. É

³ Vide (Revista eletrônica Obvious: http://lounge.obviousmag.org/embriaguez_artistica/2012/12/as-traumaticas-aventuras-do-filho-de-freud.html).

ganhador do prêmio HQmix de 2012. Publicou dois livros “Um Sábado Qualquer” (Devir, 2011) e “O Boteco dos Deuses” (Verus Editora, 2012). Possui um *blog* na internet intitulado, “Um Sábado Qualquer”. Os seus desenhos têm traços simples, algumas cores e muitas expressões. Em sua *webcomics*, *O designer* aborda temas relativo à Bíblia, religiões, mitologia, reunindo em uma bar os seus personagens: Deus, o capeta Luciraldo (ou “Luci”), Adão, Eva, Caim, e todo um panteão de deuses. Esse título, “Um Sábado Qualquer”, foi escolhido pelo fato, segundo a Bíblia, de Deus haver trabalhado duro durante 6 dias e, no sétimo, descansado, sendo que esse dia teria sido o sábado. Em suas tirinhas interage também com personalidades de grande influência, como "convidados especiais", para completar o bom humor, como Albert Einstein, Friederich Nietzsche, Oscar Niemeyer, Charles Darwin, Chico Xavier, Vinicius de Moraes e, claro, Sigmund Freud que tenta entender a *revolta* de Deus, além de outros. A temática aborda desde os problemas cotidianos enfrentados por Adão e Eva em seu longo relacionamento, até questões existenciais de Deus, muitas vezes frustrado por suas criações não terem saído exatamente como ele previa – este, aliás, chega muitas vezes a ter que buscar a ajuda de Freud para tratar seus conflitos.

II – Troças: As tirinhas e suas análises:

À guisa de observações preliminares referentes às análises de todas as tirinhas, dois elementos devem ser destacados: Primeiro, dado o intrincado do *corpus* teórico da Psicanálise, face ao qual um conceito invoca sempre, para a sua melhor compreensão, um sem-número de outros conceitos, procuramos pôr em evidência apenas o conceito que, na tirinha em análise, encontra-se mais evidente e; segundo, em lugar de nos remetermos a uma análise propriamente dita do conteúdo de cada tirinha, optamos por tão-somente citar os conceitos que estariam implícitos em cada tirinha, aludindo apenas àquele mais evidente, o qual poderia ser tomado no sentido de “conceito gerativo” da tirinha, através de breve citação extraída do *corpus* teórico psicanalítico.

- As TRAUMÁTICAS aventuras do filho de Freud



Figura 01

Conceitos implícitos: Narcisismo e Transferência.

Freud refere: “Transferência positiva é ainda divisível em transferência de sentimentos amistosos ou afetuosos, que são admissíveis à consciência, e transferência de prolongamentos desses sentimentos no inconsciente.” (FREUD, vol. 12, 1912, p.140).



Figura 02

Conceitos implícitos: Contratransferência e Ato falho.

Freud (1901) refere: *Ato falho* é um equívoco na fala, na memória, em uma atuação física, provocada hipoteticamente pelo inconsciente, isto é, através do ato falho o desejo do inconsciente é realizado. Isto explica o fato de que nenhum gesto, pensamento ou palavra acontece acidentalmente. Os atos falhos são diferentes do erro comum, pois este é resultado da ignorância ou conveniência. E evidencia que o ato falho era como sintoma, constituição de compromisso entre o intuito consciente da pessoa e o reprimido.



Figura 03

Conceitos implícitos: Narcisismo e Projeção.

Freud (1916) refere: *Projeção* como mecanismo de defesa onde o sujeito projeta em um outro sujeito ou em um objeto desejos que na verdade são seus e em si mesmo se originam. Nesse mecanismo três tempos consecutivos. Primeiro a representação incômoda de uma pulsão interna é suprimida, depois esse conteúdo é deformado, enfim, ele retorna para o consciente sob a forma de uma representação ligada ao objeto externo.

- Um sábado qualquer



Figura 04

Conceitos implícitos: Deslocamento e Escolha narcísica.

Freud (1914) refere: A *escolha narcísica* é o segundo tipo de escolha objetal, é amar a si mesmo através de semelhante; e todo amor objetal comporta uma parcela de narcisismo, ou seja, a busca da relação do sujeito consigo mesmo e não quanto a um objeto externo. O eu representa um reflexo do objeto. O ideal sexual tem uma relação auxiliar com o ideal de ego. Pode ser empregada para satisfação substituta, onde a satisfação narcisista encontra reais entraves. A pessoa amará segundo o tipo narcisista de escolha objetal.



Figura 05

Conceitos implícitos: Negação e Resistência.

Freud (1914) refere: *resistência* como sendo o termo para construí-lo como um conceito que se alude, principalmente, a obstáculos, como manifestações de hostilidade e formas de rejeição, localizados no decorrer do tratamento e que são formas do sujeito defender o seu sintoma.



Figura 06

Conceitos implícitos: Frustração e Fantasia.

Freud (1916) refere: *fantasia* como um recurso utilizado na satisfação parcial de um desejo inconsciente cuja satisfação foi frustrada. A noção de fantasia se origina a partir do processo secundário e também da noção de que ela é a expressão disfarçada da satisfação parcial de um desejo inconsciente que não pôde ser realizado.

5 COMENTÁRIOS FINAIS

A discussão sobre os conceitos psicanalítico através do humor provocado pelas tirinhas se mostra bastante relevante, pela possibilidade de interpretação do conteúdo latente, onde o chiste atua como mediador. Apesar de ser exposta ao olhar do senso-comum, a obra desses tirinhistas se mostra bem proveitosa, merecendo ser explorada mais a fundo em outros trabalhos, por nós mesmos ou por outros autores, quando, por exemplo, cada conceito ali contido poderia ser exaustivamente analisado ou, ainda, quando um determinado conceito psicanalítico pudesse ser investigado a partir de diversas tirinhas que o ilustrassem a partir de diferentes ângulos. Tais ideias, conforme dito, poderão ser no futuro melhor desenvolvidas. Por outro lado, a possibilidade de as tirinhas aqui estudadas poderem ser utilizadas como ferramenta pedagógica de forma alegórica também nos parece um futuro e válido trabalho, posto havermos visto que a tira se mostra como um excelente dispositivo de acesso ao conteúdo inconsciente e essa alusão faz com que aceitemos a ideia contida na ilustração, pela via da alegria – aliás, uma das melhores formas de aprendizagem (bem menos circunspecta que aquela apresentada por uma Academia quase sempre ranzinza e mal humorada).

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível**: na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: FGV, 1999.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983.

DAQUINO, Fernando. **A história das redes sociais: como tudo começou**. Revista eletrônica Tecmundo, 26 de novembro de 2012. Disponível em:

<<<<http://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>>>>

FALCÃO, Ana Lúcia Bastos. **Sobre os chistes**. Simpósio de Brasília/DF – 2002. Disponível em: <<<<http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/art081.htm>>>>

FREUD, Sigmund. “Os chistes e sua relação com o Inconsciente(1905)”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v. 8.

_____. “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901)”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v. 6.

_____. (1916-1917). “Conferências Introdutórias de Psicanálise, Conferência XXIII - Os Caminhos da Formação dos Sintomas (1916)”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v. 16.

_____. (1916-1917). “Conferências Introdutórias de Psicanálise, Conferência XVI - O Sentido dos Sintomas (1917)”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v. 16.

_____. “Recordar, repetir e elaborar (1914)”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v. 12.

_____. “A dinâmica da transferencia (1912)”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v. 12.

_____. “Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v. 12.

_____. “Recomendações aos médicos que exercem psicanálise(1912)”. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago editora; 1995. v. 12.

_____. “A negativa (1925)”. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago editora; 1995. V. 19, “O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925), p. 261-269.

_____. “O humor (1927)”. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago editora; 1995. V. 21. “O Futuro de Uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e Outros Trabalhos” (1927a/1980).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LUCAS, André da Rosa. **Histórias em quadrinhos: primeiros passos para a formação de leitores nas séries iniciais**. Porto Alegre, 2010. Disponível em:
<<< <http://www.guiadosquadrinhos.com/upload/monografia/Monografia Andre da Rosa Lucas.pdf>>>>

MAGALHÃES, Henrique. *O bom humor das tiras brasileiras*. In: **Revista Conceitos**, v. 1, n. 1. João Pessoa: ADUFPB, agosto de 2006b.

MARNY, Jacques. **Sociologia das histórias aos quadrinhos**. Porto: Livraria Civilização Editora, 1970.

PATATI, Carlos e BRAGA, Flávio. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

PEREIRA, Miguel Baptista. “*A hermenêutica da condição humana de Paul Ricoer.*”. in, **Revista Filosófica de Coimbra** – nº 24, 2003 p. 235-277.

RIBEIRO, Maria Mazzarelo. “Do trágico ao drama, salve-se pelo humor!”, in **Círculo Brasileiro de Psicanálise. Revista Estudos de Psicanálise**, nº 31 – outubro/2008, p. 104-113.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUAS, Carlos. **Um sábado qualquer**. Disponível em:
<<<<http://www.umsabadoqualquer.com/>>>>;
<<<<http://www.umsabadoqualquer.com/category/freud/>>>>

SILVEIRA, Victor. **As aventuras traumáticas do filho de freud** (entrevista com Pacha Urbano). Revista online Obvious. Dezembro de 2012. Disponível em:
<<< http://lounge.obviousmag.org/embriaguez_artistica/2012/12/as-traumaticas-aventuras-do-filho-de-freud.html>>>

URBANO, Pacha. **As TRAUMATICAS aventuras do filho de Freud**. Disponível em:
<<<<http://filhodofreud.tumblr.com>>>>; <<<<http://pachaurbano.com/>>>>

VINI. **A história das tiras**. Revista online Uaréva, 2010. Disponível em:
<<< <http://www.uarevaa.com/2010/04/historia-das-tiras.html>>>>

Wikipédia. <<< http://pt.wikipedia.org/wiki/Tira_de_banda_desenhada>>>

_____. <<<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Syndicate_\(imprensa\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Syndicate_(imprensa))>>>

_____. <<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Um_S%C3%A1bado_Qualquer>>>

Brasil Escola. **Internet**. Disponível em:
<<<<http://www.brasilecola.com/informatica/internet.htm>>>>